

## APRESENTAÇÃO

### **O infraleve e o “vocabulário dos dias”**

Laíse Ribas Bastos\*

Este número da revista do *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea* é, em grande parte, resultado do XI Encontro do Fórum, realizado por via remota nos dias 5 e 6 de outubro de 2021. Ambos – a materialização da revista e a realização do encontro anual – expressam o empenho acadêmico, a força e um modo de resistência das humanidades e, mais ainda, da área de literatura, no cenário político e social configurado nos últimos anos. Um modo de resistência que se dá “apesar de”: mesmo com pausas necessárias e interrupções circunstanciais.

“É preciso ouvir / o vocabulário dos dias” são os dois primeiros versos do poema “Palavras da tribo”, de Heitor Ferraz, e podem dizer, em certa medida, acerca da não realização em 2020 do já tradicional Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. Do mesmo modo, os versos também apontam para certa demora nas publicações, para as conversas literárias extra-classe, para as pesquisas, ações que desafiam certo ritmo acadêmico requisitado hoje e que, naturalmente, demandam (ou deveriam demandar) mais tempo, cuidado, atenção. O tempo da escrita e da leitura se impõe em todos esses processos, constitutivos

\* Professora adjunta de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

de um possível arquivo para o presente. Lido por inteiro, o poema de Heitor Ferraz, publicado no livro *Meu semelhante* (2016), talvez diga mais sobre a controversa configuração histórica e política do Brasil. No entanto, a sequência dos versos iniciais (“É preciso ouvir / o vocabulário dos dias / Não para renová-lo / Essa seria uma tarefa ingrata / para a poesia”), se não indica uma renovação de fato, também não exclui uma possível *reelaboração lenta* dos dias. Talvez seja esse o tempo/processo exigido pela literatura, ao qual este trabalho, de seleção, edição e muita conversa, responde movido, sobretudo, pelo desejo.

A conversa e a troca próprias do fazer literário e crítico estiveram presentes, portanto, no XI Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea da UFRJ, realizado de modo totalmente on-line, com o tema *Literatura: diálogos*. Por “diálogos” entendemos a perspectiva multifacetada e flexível assimilada nos ensaios deste número da revista: diálogos com a música, a fotografia, as artes plásticas, outras culturas e campos do saber que caracterizam a própria literatura hoje. Ao mesmo tempo, a natureza do literário permanece como busca e, em alguma medida, é a ela que a primeira entrevista deste número, com Marjorie Perloff – resultante da conversa realizada no primeiro dia do Fórum –, nos conduz. Marjorie destaca não só a sutileza e heterogeneidade da literatura, mas, também e principalmente, nos lembra do refinamento e da delicadeza necessários à leitura de poesia. Portanto, convidamos os leitores a percorrer este caminho de temas, abordagens e autores diversos que atravessam este número da revista, como parte do percurso em permanente construção da literatura hoje.

## Ensaaios

O texto que abre esta edição é “Ana de Santana: uma poética em quatro *flashes*”, de Christina Bielinski Ramalho. Com uma leitura cuidadosa e atenta aos detalhes da escrita de Ana de Santana, a abordagem tem como núcleo de análise os quatro livros publicados pela poeta, para, a partir deles, costurar os *flashes* que se irradiam de sua obra.

Por sua vez, o ensaio de Fábio Tibúrcio Gonçalves convida o leitor a cruzar o discurso literário e psicanalítico tendo como eixo o romance *As pequenas mortes*, de Wesley Peres, publicado em 2013, e o estudo de Sigmund Freud, *O homem dos ratos – observações sobre um caso de neurose obsessiva* (1909), destacando que o discurso literário, especialmente a narrativa, sempre esteve entrelaçado aos estudos psicanalíticos.

De volta à leitura de poesia, “Mito, linguagem e verdade na poesia encantada de João de Jesus Paes Loureiro”, de Taís Salbé Carvalho, investiga relações entre mito e linguagem na poesia de João de Jesus Paes Loureiro. O texto explora o modo pelo qual costumes, falares e mitos amazônicos são incorporados na obra do poeta. Para a autora do texto, a “radicação” poética (termo emprestado de Mário de Andrade) ocorre “por incorporar a raiz da arte poética à entidade coletiva de sua região, a amazônica, mais especificamente, à cultura própria das populações ribeirinhas, originária de comunidades indígenas”.

Já “Uma leitura do *Manual de flutuação*, de Marcos Siscar” descortina deslocamentos e instabilidades poéticas materializados na poesia – evidências das muitas crises existentes em nosso tempo.

A autora, Juliana dos Santos Gelmini, procura na escrita de Marcos Siscar esses movimentos e jogos de “flutuar”, ao mesmo tempo e paradoxalmente motores da instabilidade e realização poética.

“Outro defunto autor na literatura brasileira: masculinidades e relato pós-morte em *Cloro*, de Alexandre Vidal Porto” resgata o “defunto autor” de Machado de Assis e investiga a reelaboração do gesto narrativo machadiano assimilado na escrita do romance de Porto. Tendo em vista as especificidades da narrativa de nosso tempo, a abordagem considera as atualizações temáticas e implicações contemporâneas do gesto machadiano na escrita de Vidal Porto.

Ainda no âmbito da narrativa, em “O trauma da morte do autor em Ricardo Lísias”, Julia Barbedo Ruivo analisa as escolhas textuais de Lísias como evidências da perda da autoridade do autor sobre a obra e a escrita, bem como de um esfacelamento dos limites do literário, isto é, as escolhas feitas na operação do texto determinariam uma noção fronteira que caracteriza a própria ideia de literatura hoje. O artigo busca, no desencontro de vozes e procedimentos narrativos, as possíveis respostas para os impasses determinantes da literatura no presente – frutos da experiência na contemporaneidade.

Os “*flashes* literários” abordados na poesia de Ana de Santana retornam, de certo modo, no artigo de Rogério Cruz, dessa vez especificamente a partir da relação entre imagem e palavra, numa leitura do processo de esvaziamento das palavras em favor da potência da imagem, ou, ainda, indo em busca do modo como uma e outra se desdobram *fotograficamente* nos “Ensaio fotográficos de Manoel de Barros”. Além disso, o autor do texto

explora a relação da poesia de Manoel de Barros com as artes plásticas, a partir de artistas como Paul Klee ou Joan Miró.

A poética urbana de Reynaldo Valinho Alvarez é o tema do artigo de Cleberton dos Santos, que encerra a seção de ensaios desta edição. A partir de poemas publicados, sobretudo, em *Cidade em grito*, de 1973, o artigo “Reynaldo Valinho Alvarez: um poeta nas entranhas da cidade” analisa e resgata – conforme indicado no título – variadas imagens e elementos da cidade, evidenciando as distintas configurações urbanas presentes na obra do poeta.

## **Entrevistas**

“Uma conversa com Marjorie Perloff” é a entrevista que abre a respectiva seção da revista. Realizada durante o XI Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, a conversa percorre o procedimento crítico de Marjorie até a contemporaneidade, especialmente quando recupera, com o “infravele” de Marcel Duchamp, a sutileza e a importância da atenção ao detalhe e à diferença: *infravele (Infrathin)* é justamente o título do livro de Marjorie Perloff, publicado aproximadamente um mês antes da entrevista. Da ideia de *infravele* pode surgir a ampla noção de “micropoética”, isto é, um olhar aguçado sobre os detalhes e a diferenciação, apurado não só para a criação poética, mas também para a própria leitura de poesia.

A entrevista com Maria de Lourdes Hortas, concedida a Priscila Nogueira Branco, resgata a antologia *Palavra de mulher*, organizada e publicada por Hortas em 1978. A poeta e editora comenta algumas das implicações que perpassam o gesto de uma

antologista e conta como se deu o processo de organização do livro. *Palavra de mulher* reuniu 45 poetisas de diferentes regiões do país, ampliando o olhar e o panorama da poesia publicada até então para aquela que circulava alternativamente pelos jornais, periódicos e antologias de publicação independente.

A ideia em torno das antologias de poetisas, bem como a própria noção de contemporaneidade se desdobram na entrevista realizada por Claudicélio Rodrigues com algumas das poetisas presentes em *O olho de Lilith: antologia erótica de poetisas cearenses*. A coletânea de poemas foi publicada em 2019 e organizada por Mika Andrade, que concede a entrevista junto com Ayla Andrade, Argentina Castro, Nina Rizzi e Sara Síntique. A conversa gira em torno dos critérios e das decisões que envolveram o processo de organização da antologia até sua publicação, além de possíveis e diversas relações entre erotismo, poetisas e a feitura de poesia.

## Resenhas

Além dos *diálogos* trazidos nos ensaios e entrevistas, as resenhas ora publicadas também apontam para os distintos diálogos estabelecidos pela literatura. A primeira delas dedica-se a refletir sobre os recursos estruturais e temáticos das narrativas populares em *Agora serve o coração*, do compositor, cantor e escritor Nei Lopes, publicado em 2019.

“Corpos-(res)-sentidos” joga com o título do livro de Helena Arruda, *Corpos-sentidos*, que por sua vez também propõe um movimento, no mínimo, polissêmico com as muitas orientações do substantivo “sentido” (formando uma nova expressão:

corpos-sentidos), sem deixar de entrever a sensibilidade presente na palavra quando adjetivo. Talvez por isso, Luiz Renato de Souza Pinto lembre que “a poesia de Helena contempla inúmeras temáticas, dentre as quais se destacam o corpo, a luta, a memória, o devir da humanidade”.

A resenha de encerramento desta edição é “Jogando com a narrativa e a lírica em catorze versos”. Escrita por Susana Souto, o texto dedica-se à apresentação e ao convite à leitura do livro de poemas de Wilberth Salgueiro, *O jogo, Micha & outros sonetos*, também publicado em 2019 – e, conforme destaca a resenhista, livro operante entre “a tradição e a invenção”.